

Poesia de autoria negra na dissidência sexual e/ou de gênero: o direito ao (auto)amor, ao vislumbre e ao devaneio para além das narrativas de luta e dor

Pedro Ivo

Primeiros versos de um caminho narrativo

O estudo aqui proposto¹ toma por base uma abordagem interpretativa da pesquisa qualitativa (Moreira, 2004) e tem por objetivo desvelar sentidos narrativos da poesia produzida e publicada contemporaneamente – de maneira independente ou por intermédio de pequenas editoras – por poetas negras/os/es dissidentes em sexualidade e/ou gênero no Brasil, ou seja, aquelas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, travestis, trans, *queer* e intersexo (LGBTQI), englobando ainda outras identidades sexuais e/ou de gênero diversas². Essa dissidência se dá em oposição ao *dispositivo heterocisnormativo*, que pode ser entendido como “um conjunto de mecanismos, sejam eles ditos ou não ditos, que engloba práticas culturais, sociais, históricas, jurídicas, instituições e discursos, que funcionando em função de uma estratégia de poder dominante, reforçam condutas heterossexuais e cisgêneras, considerando-as como normais, verdadeiras e saudáveis” (Camarano, 2020, p. 97).

Além disso, ressalto a necessidade de evidenciar o termo *autoria* e sua compreensão como criatividade vinculada à identidade e às vivências da pessoa escritora, poeta, “que com uma ‘subjatividade’ própria vai construindo a sua escrita, vai ‘inventando, criando’ o ponto de vista do texto” (Evaristo, 2009, p. 18). Neste seguimento, o que tenho observado é que os sentidos narrativos emergentes da poesia de autoria negra gênero-sexual dissidente parecem apresentar um viés temático que busca ir além da denúncia do sofrimento ou da dor, direcionando-se, outrossim, a perspectivas de (auto)amor. A fim de contemplar o andamento das análises interpretativas na pesquisa para a validação dessa hipótese, a composição do *corpus* aqui se dá pelos poemas: *FEMI*, de Beatriz Aqualtune, em *aju oiyin okan iná* (2018) e *diz/faço qualquer trabalho, y m/eu amor todo dia*, de tatiana nascimento³, no livro *lundu*,

¹ Este trabalho é um recorte da pesquisa em desenvolvimento que realizo sob a orientação da Professora Doutora Luciana Borges, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), e conta com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Atualmente há um movimento político-ativista mundial de ampliação dessa sigla representativa para LGBTQIAPN+ (inclui pessoas assexuais, pansexuais, não binárias e outras denominações identitárias).

³ A autora grafou seu nome em letras minúsculas na assinatura de seus trabalhos e optei por respeitar essa forma ao longo do texto, assim como também o faço em relação à grafia do nome da pesquisadora bell hooks nas citações, pelo mesmo motivo.

(2016), ambas publicadas pela *padê editorial*⁴, uma editora independente e de pequeno porte fundada em 2015, na cidade de Brasília - DF, e cujo projeto editorial “[...] tem a ver com esse desejo de conhecer y difundir mais ‘autoras negras y/ou lgbtqi que escrevem coisas que nos emocionam’ – nosso foco y nossa política de publicação (sim, super subjetivas)” (nascimento, 2018, p. 7).

Para ampliar o estudo, trato também como *corpus* metodológico narrativas autobiográficas (Moreira, 2004) das autoras acerca de seus processos de escrita, as quais encontram-se publicadas nos trabalhos literários das poetisas escolhidas e são referenciadas neste texto. A meu ver, a reflexão de si, em processos de vivências pessoais e coletivas, justifica a escolha metodológica para a compreensão sobre o sentido narrativo que as micropolíticas de existência imprimem à escrita literária e/ou teórico-crítica de autoria negra, tal qual Lorde (2007), Clarke (2006), hooks (2006; 2021) e nascimento (2019) evidenciam em sua produção.

Inicialmente aproximo o sentido da pesquisa à reflexão sobre a ética do amor como cura ante as violências sociais do racismo e diversas outras discriminações a ele associadas e que afligem pessoas negras. A intelectual negra e crítica cultural bell hooks (1952-2021) apresenta mais detalhadamente esse argumento em sua análise social sobre como uma cultura de dominação se pauta pelo antiamor e sobre como o histórico de luta social de movimentos negros nos Estados Unidos não foi capaz de “integrar plenamente a ética do amor numa visão de descolonização política que fornecesse um plano para a erradicação do auto-ódio negro [...] como caminhos para ir além de tal sofrimento e continuar vislumbrando a luta de resistência”⁵ (hooks, 2006, p. 245, tradução livre). Para a autora, se a integração dessa ética e a elaboração desse plano tivessem sido feitas, a desesperança sobre o futuro poderia ser coletivamente acolhida em espaços de erradicação da dor. Apesar de se referir ao contexto da sociedade estadunidense, a crítica feita por hooks instiga diversos movimentos negros da diáspora africana a refletir sobre o lugar de uma ética do amor em suas lutas.

No que tange à produção poética, a reflexão da pesquisadora dialoga com as teorizações literárias da pesquisadora, crítica literária e poeta Audre Lorde (1934-1992), a qual evidencia seu lugar de fala como mulher negra e lésbica para refletir sobre a poesia como espaço capaz de acolher a dor não partilhada e a desesperança sobre a luta pela libertação das

⁴ A *padê* propõe a escrita desses títulos com letras minúsculas como projeto estético e político de editoração e optei, ao longo do texto, por manter essa escolha, assim como transcrevi os nomes dos poemas ou seus versos conforme a grafia adotada pelas autoras nas referidas publicações.

⁵ “fully integrate the love ethic into a vision of political decolonization that would provide a blueprint for the eradication of black self-hatred [...] as ways to move beyond it and continue resistance struggle would be envisioned” (hooks, 2006, p. 245).

amarras coloniais que recaem sobre existências negras individuais e coletivas. Para Lorde, a poesia “forma a qualidade da luz dentro da qual predizemos nossas esperanças e sonhos em direção à sobrevivência e mudança, primeiro feita em linguagem, depois em ideia, então em ação mais tangível”⁶ (Lorde, 2007, p. 37, tradução livre).

Parto da reflexão conceitual e interpretativamente sobre essas teorizações para discorrer sobre os sentidos narrativos presentes nos poemas selecionados, que descrevem, contam e (res)significam histórias de vida negras na dissidência sexual (e/ou de gênero). Com isso, busco confirmar que a poesia é também narrativa e verossímil, ainda que imagética, metafórica e/ou fictícia, como proposto adiante.

A poesia que narra histórias de vida em (auto)amor

A poeta, pesquisadora, crítica literária, negra e lésbica Cheryl Clarke observa como a poesia tem sido “grande professora da conscientização, da história e do amor-próprio aos povos pretos” (Clarke, 2006, p. 140). Isso pode ser evidenciado no seu trabalho literário, tanto poético como teórico-crítico, em que a autora é capaz de fundir o político e o pessoal com uma ampla visão histórica e da cultura contemporânea, abordando questões sobre raça e sexualidade em temáticas feministas, negras, lésbicas e eróticas de maneira interdependente.

Essa disposição reflexiva de Clarke corrobora a importância das experiências de vida das pessoas negras, de forma ancestral e atual, para sua produção teórica e artística, que segue em uma jornada de autocompreensão e vislumbre de (afro)futuros positivos. Isso se confirma também nos trabalhos de pensadoras/es negras/os ao longo do século XX e XXI, a exemplo das pesquisadoras Lorde (2007), em seu artigo *Poesia não é luxo*; hooks (2021), em seu livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*; ou ainda nascimento (2019), em seu ensaio *cuírlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitado o paradigma da dor*.

Para uma análise interpretativa capaz de evidenciar essas teorizações, trago em tela a poeta Beatriz Fernandes Aqualtune. Na apresentação do livro *oju oiyn okan iná*⁷, a autora se autodefine como “preta, gorda, sapatão e macumbeira” (Aqualtune, 2018, p. 7), caracterização identitária que permeia sua escrita em diversos momentos. Deste livro extraí o poema *FEMI*:

[do amor em egípcio] que eu ressignifico para o amor recíproco.
antigo ato de amar que tento inovar, adaptar às novas constelações relacionais.

⁶ “It forms the quality of the light within which we predicate our hopes and dreams toward survival and change, first made into language, then into idea, then into more tangible action” (Lorde, p. 37).

⁷ Tradução do iorubá: *Olhos de mel, coração de fogo*.

também já li que é dengo, coisa de preto, já que não nos é permitido viver de
romancê
com cara de europê, falando bantuguês no meio de um auê que é entender

que para além do tesão eu quero mesmo é;

eu quero amar, também aceito dengar, tenho muita estima ao hábito de cuidar
e olhar tão de perto os olhos, que os cílios fazem cosquinha provocando um
gargalhar.

ultrapassa o romântico, é compartilhamento de banzo e reconhecimento de
ancestralidade.

reescrever linhas de um itan, reconhecer a sacralidade que há em mim e você.

(Aqaltune, 2018, p. 27)

Também extraí um trecho da narrativa autobiográfica da autora presente no texto de
apresentação do referido livro, com vistas a estabelece uma correlação ao poema escolhido:

Lembro-me até hoje da primeira vez que tive contato com os escritos de Conceição
Evaristo; no prefácio, eu acho, estava escrito “Cada mulher negra tem uma forma de
estar no mundo”. Contudo, eu não sabia como estava no mundo. [...] Conversando
com meninas-mulheres negras, elas me perguntavam sobre escrita. Estava nervosa.
[...] Pensei em Amor. Minha forma de estar no mundo é com amor. [...] Nesse dia eu
me percebi nas escritas. Me vi poeta (Aqaltune, 2018, p. 7).

Ao associar o poema com o relato da autora, percebo que indícios de uma narrativa de
(auto)amor ficam mais evidentes. Nos versos iniciais do poema – “[do amor em egípcio] que
eu ressignifico para o amor recíproco”; “antigo ato de amar que tento inovar, adaptar às novas
constelações relacionais” – a voz de Aqaltune surge com o *eu* explícito no texto, que faz do
amor sua busca ancestral (*femi* significa amor em egípcio antigo), com vistas ao resgate e
reelaboração de seu conceito de forma atual. Esse início do poema se relaciona mais
fortemente com o trecho autobiográfico acima quando a autora afirma: “Pensei em Amor.
Minha forma de estar no mundo é com amor. [...] Nesse dia eu me percebi nas escritas. Me vi
poeta”.

Para Aqaltune, estar no mundo como poeta é, de forma ancestral e atual, estar/existir
com amor. Esse sentido narrativo também aparece no fechamento do poema, em que a poeta
afirma sua existência pelo reconhecimento ancestral e dialógico: “reescrever linhas de um
itan, reconhecer a sacralidade que há em mim e você”. Nesses versos, a autora não só
evidencia a tradição cultural/literária da poesia dos *ìtàn*⁸, em um vislumbre *pré-atlântico*, de
vivências ancestrais africanas, mas também busca um sentido *pós-atlântico*, em referência à
atualidade da diáspora negra, como explana nascimento (2019). Com isso, o caminho

⁸ Histórias tradicionais ancestrais de *Ifá* – o sistema divinatório dos povos de etnia iorubá (Nigéria) –, que
resistem culturalmente até os dias atuais.

narrativo trilhado pela autora parece emergir no cruzamento entre o poema e seu relato autobiográfico, constituindo-se como reconhecimento ancestral e atual de si, do outro, do coletivo pelo afeto capaz de traçar uma *escrevivência* (Evaristo, 2011) em poesia.

No poema *FEMI*, essa *escrevivência poética* vai se constituindo em versos que (re)escrevem o amor recíproco entre pessoas negras como ato de (auto)reconhecimento existencial no mundo, de vivência e de afeto, contrapondo-se ao imaginário racista de objetificação/ hipersexualização e animalização do corpo negro (Fanon, 2008). Versos que vão desde “também já li que é dengo, coisa de preto, já que não nos é permitido viver de romancê com cara de europê” até “para além do tesão eu quero mesmo é” parecem invocar o sentido de existir no mundo, apesar das denúncias, nos versos anteriores. Essa invocação da existência negra reverbera a necessidade do afeto em contraposição a sua interdição/proibição, o que se confirma nos versos seguintes: “eu quero amar, também aceito dengar, tenho muita estima ao hábito de cuidar”; “ultrapassa o romântico, é compartilhamento de banzo e reconhecimento de ancestralidade”.

Nesse sentido, a poesia de Aquilane não só se encontra sob a égide do conceito de *escrevivência*, de Conceição Evaristo (2011), como corrobora o pensamento de reconexão ancestral de Audre Lorde (2007), no que tange à poesia como narrativa de experiência vivida, de resgate de ancestralidade. Esse entendimento parece ser motivador para a produção de *escrevivências poéticas de (auto)amor* por autoras/es negras/os/es gênero/sexual-dissidentes.

Escrevivências poéticas de (auto)amor como cuírlombismo

Ao refletir sobre *escrevivências poética de (auto)amor*, na poesia de autoria negra gênero/sexual dissidente, considero uma possível ligação com o conceito de *cuírlombismo literário* criado pela poeta e ensaísta, negra e lésbica, Tatiana Nascimento (2019). Aqui ressalto a proposta decolonial da autora de escrita e pronúncia sobre a palavra inglesa *queer*⁹, quando explana que o processo de repensar o *queer* se torna:

recurso de descolonização conceitual que tem ultrapassado a morfologia de um termo gringo pra reassentar sua semântica em bases mais latinas, pelo processo de rasurar/reescrever esse conceito-chave, “teoria queer/queer

⁹ Na análise de Guacira Lopes Louro: “Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem [...] a força de uma invocação sempre repetida, [...] conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Esse termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a normalização [...]. (Louro, 2015, p. 39).

studies”, sobre o qual tantas disputas têm sido feitas dum jeito que tenha a nossa (múltipla) cara: cuír, kuír, cuia; pra citar alguns - que aprendi com bibi abigail, jota mombaça, marissa lobo, respectivamente (nascimento, 2018, p. 8, grifo nosso).

O pensamento *cuírlombista* de nascimento (2019) vem no esteio das pesquisas do crítico social, ativista negro e senador da república Abdias do Nascimento (1914-2011), que se debruçou sobre o significado e a política de existência do conceito de *quilombo* em suas reconfigurações urbanas em associações e grupos negros como *práxis* de um projeto político de justiça social, cidadania e bem-estar para as populações negras nas américas no que denominou como quilombismo (Nascimento, 2002).

No livro *cuírlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor*, nascimento (2019) discute e fundamenta o conceito de *cuírlombismo* como um lugar de escrita literária de autoria negra fora dos parâmetros hegemônicos ocidentais de gênero/sexualidade impositivos a culturas ancestrais africanas, as quais não possuíam tais valores limitadores em suas vivências sociais pré-atlânticas. A crítica de nascimento se direciona à construção das teorizações contemporâneas acerca do que seja literatura negra, as quais relegam seu lugar quase exclusivamente à evidência temática *cis-heterossexista*¹⁰, nas representações de modelos binários de homem e mulher, bem como de temáticas recorrentes e caracterizadoras da literatura negra ou afro-brasileira como a dor, a renúncia, a escravidão, a resistência¹¹.

Para a pesquisadora, o caminho do *cuírlombismo literário* deve ser tomado na contramão desse movimento, como é possível perceber na produção audiovisual de uma versão estendida do poema *diz/faço qualquer trabalho (y m/eu amor de volta todo dia)*¹², em que a poeta alerta sobre como precisamos “ir um pouco mais atrás pra avançar um pouco mais / se livrar de leituras, interpretações, traduções coloniais / em cima de heranças ancestrais”. Um trecho desse poema está disposto a seguir:

Ifã, com você,
eu vim do mar
do amar
gor eu podia saber de cor

¹⁰ O termo pode ser compreendido dentro do escopo teórico do *dispositivo da heterocisnormatividade* (Camarano, 2020) comentado anteriormente.

¹¹ Saliento o destaque que nascimento dá ao eixo predominante de dor, luta/resistência e denúncia na produção da literatura negra no Brasil (ou afro-brasileira), não limitando-a neste quesito. A autora pontua que, tanto nesse eixo temático principal, como sob outras temáticas que expressam a afro-brasilidade da autoria negra (Evaristo, 2009), a centralidade de modelos binários e cis-heterossexistas é evidente.

¹² Essa versão foi publicada em 2019, em formato audiovisual, na plataforma virtual *Youtube*. Disponível em: <<http://bit.ly/diz-faço>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

a dor
mas mais: [...]
Orí forte > plexo convexo >
Ofá rumo:
sorte
calmaria
tecnologia ancestral y força
que axé, princípio vital fim y meio,
é força
(nascimento, 2017, p. 44)

O movimento estético e político de olhar o passado para imaginar futuros positivos está expresso nos versos finais do poema como: “Orí forte” (cabeça, mente, psique) > “plexo convexo”, o peito que se enche de ar-vida e flexiona o corpo como haste para se tornar > “Ofá rumo:” o arco-e-flecha do orixá *Òsòòsì*, que atira em direção ao (afro)futuro de existências celebrativas e fortalecidas pelo *àṣẹ*, força ancestral que guia o seu povo – “que axé, princípio vital fim y meio, é força” (nascimento, 2017).

Para a poeta, o contraste entre este poema e outro que ficou mais famoso na recepção pública, por exemplo, expõem como a mirada branca *cis-heterossexista* limita a perspectiva criativa negra gênero/sexual dissidente à ótica predeterminada de expressões de dor/luta:

o contraste na recepção de [...] ‘cuíer A.P.’ & ‘diz/faço qualquer trabalho (y m/eu amor de volta todo dia)’[12] aponta a internalização daquela mirada – e o racismo é, afinal, uma das primeiras pedagogias relacionais que aprendemos. o primeiro, pra/sobre “eles” (vocativo exaustivamente repetido), viralizou. mais que o segundo, pra/sobre “nós”, como não só sobrevivemos, mas vivemos, voamos, não só contrariamos expectativas e estatísticas, mas reverenciamos a história vasta das nossas peles, sexos, afetos, nossa travessia, que tem um ponto, anterior à colonização y afrofuturista de existência – o axé. o apocalítico, o acusativo, é fraco de imagens e recursos fonéticos expressivos, um poema formalmente mediano (a despeito da potência do seu conteúdo). o segundo, mítico, é metafórico, explora sonoridades, passeia entre referências exuberantes, tem uma elaboração narrativa épica: é em conteúdo e forma deslumbrante, me parece o tipo de ebó de amor, cura, vitalidade que quero ofertar a quem acolhe minha palavra (nascimento, 2019, p. 30).

Nesse recorte do seu relato, a autora também evidencia seus processos de escrita poética, o que considera relevante dentro de suas concepções, sobre como transita de uma poesia cuja temática se preocupa mais com a denúncia/resistência para outra em que “reverenciamos a história vasta das nossas peles, sexos, afetos, nossa travessia”.

Sob o amparo do relato autobiográfico de nascimento, é possível perceber que seu foco está no futuro possível pós-denúncia e que vai se transformando em narrativa de (auto)amor, de criatividade, e retorno às narrativas ancestrais pré-atlânticas de *Ifá*; narrativas de força – o axé; tal qual escreve no excerto de sua narrativa: “[...] ebó de amor, cura, vitalidade que quero ofertar a quem acolhe minha palavra”. Isso se evidencia nos versos: “sopra um vento, Oyá,

que livrai-nos do mal do esquecimento”; “Ifá, com você, eu vim do mar do amar”; “mas mais: sou carne crua línguafiada mente assentada y pele...”; “agô, minha Pele: tu, es-cura”.

As conceituações e considerações literárias de nascimento (2019) e de Lorde (2007) sobre a poética negra contribuem com a reflexão que temos construído sobre a produção poética de autoria negra gênero/sexual dissidente pautar-se em *escrevivências poéticas de (auto)amor*, por ser potência e agência criativa de si em completude; de cosmogonia; do espaço do inédito, do maravilhoso, do inimaginável; como direito ao devaneio. No trecho da narrativa autobiográfica de tatiana nascimento, emerge o caminho percorrido na construção do poema e a forma como converge para os princípios do *cuírlombismo* como “recontação/invenção de histórias negras ancestrais como saída à heterossexualização cisnormativa que discursos ‘autorizados’ do dominador/colonizador impõem à diáspora” (nascimento, 2019, p. 5).

Encruzilhadas de inconclusões

Os extravasamentos estéticos/literários e/ou temáticos de obras literárias negras aparecem como necessidade de apreciação de seu estado da arte para além da consideração de seu viés ser deliberadamente político – de funcionar como escrita de resistência aos sistemas de opressão em seu teor e valor literário. Nesse amparo, o conceito construído de *escrevivências poéticas de (auto)amor* parece emergir como uma tendência da escrita poética negra gênero/sexual-dissidente capaz de extrapolar temáticas cis-heterossexistas; da dor; da renúncia; da denúncia; da escravidão; da luta – as quais usualmente caracterizam a chamada literatura negra.

Esse extrapolamento foi evidenciado nas análises dos poemas selecionados associados às narrativas autobiográficas das autoras, desvelando sentidos narrativos de existência interseccional negra e dissidente em gênero e/ou sexualidade com vida e criatividade; com vislumbre de (afro)futuros positivos, constituindo *escrevivências poéticas (re)contadas e (re)escritas*.

Ressalto o valor identitário (individual e coletivo) nos textos poéticos estudados, o que parece impulsionar a leitura interpretativa desses textos a lugares mais profundos da/com a/sobre a escrita de si de suas/seus autoras/es, em processos históricos inclusive no âmbito linguístico, com seus neologismos e jeitos de escrita naquele *bantuguês* mencionado no poema *FEMI*, de Aqualtune (2018), reverberação do conceito de *pretoguês* proposto por Lélia Gonzalez (2020), e que tem a ver com nossas *escrevivências pretas amefricanas* na diáspora;

que tem a ver com as palavras-conceitos – como *denço, quizila, banço, quilombo, cuírlombo* – que se apresentam em narrativas autobiográficas e na invenção de escrituras poéticas negras de (auto)amor gênero/sexual dissidentes.

Essas breves considerações teóricas e interpretativas acerca da poesia de autoria negra na dissidência sexual e/ou de gênero são caminhos e encruzilhadas inconclusivas, mas que encontram norte em uma poética de caminhos para concretizar o pensamento instigante de Lorde (2009) sobre a necessidade de ousarmos sonhar para transformar o silêncio subalternizante em palavras e as palavras em ação no mundo.

REFERÊNCIAS

AQUALTUNE, Beatriz Fernandes. **Oju oiyin, okan iná**. Brasília: Padê Editorial, 2018.

CAMARANO, Pedro Anácio. **Arqueogenealogia bajubeira: uma análise de práticas de poder e resistência**. 2020. 138 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Catalão. Catalão, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.ufcat.edu.br/tede/handle/tede/10677>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CLARKE, Cheryl. **The days of good looks: the prose and poetry of Cheryl Clarke, 1980 to 2005**. New York: Da Capo Press, 2006.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: **Scripta**. Belo Horizonte: PUCMinas, v. 13, n. 25, p. 17-31, dez. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>>. Acesso em 18 ago. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares / OR Editor Produtor, 2002.

NASCIMENTO, Tatiana. **Lundu**,. Brasília: Padê Editorial, 2016.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. *In*: RÍOS, Flavia; LIMA, Márcia (orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 127-138.

HOOKS, Bell. **Love as the practice of freedom**. *In*: Hooks, Bell. *Outlaw Culture: resisting representations*. Nova York e Londres: Routledge, p. 243-250, 2006.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Trad.: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante: 2021.

LORDE, Audre. Poetry is not a luxury. **Sister outsider**. Berkeley: Crossing Press, 2007.

LORDE, Audre. **I am your sister**: collected and unpublished writings of Audre Lorde. Oxford: Oxford University Press, 2009.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2004.

NASCIMENTO, Tatiana. O cuírlombo da palavra (y da palavra queerlombo): poesia preta lgbtqi de denúncia da dor até direito ao devaneio. *In*: BARBOSA, Adriana de Fátima; SILVA, Susana Souto (Orgs.). **I ENCONTRO LER LITERATURA, ESTÉTICA E REVOLUÇÃO**; 2018, Brasília. Anais. Brasília: Universidade de Brasília, 2018, p. 7-23. Disponível em: <<http://conferencias.unb.br/index.php/LRF/LFR1/paper/viewFile/12651/2189>>. Acesso em: 07 set. 2023.

NASCIMENTO, Tatiana. **Cuírlombismo literário**: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor. São Paulo: N-1 Edições, 2019.